

HISTÓRIA

do Mês

n.º 43 | julho.18

**Concelho de Vila do Bispo
um admirável Museu da Paisagem,
(ao) vivo e a cores**



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município
**Vila do
Bispo**

Concelho de Vila do Bispo um admirável Museu da Paisagem, (ao) vivo e a cores

A área geográfica definida pelo grande promontório sagrado, ponteando a finisterra mediterrânica do sudoeste europeu, um território atualmente designado administrativamente por “**Concelho de Vila do Bispo**”, integra um diversificado repositório de riquíssimos valores patrimoniais e paisagísticos, materiais e imateriais, naturais, culturais, de grande singularidade e de inegável substância, entre os quais se destacam abundante **biodiversidade** que inclui alguns endemismos faunísticos e florísticos; raros **recortes geológicos** da própria História da Terra; diversos **registos fósseis**; paleontológicos **trilhos de dinossauros**; copiosos e significativos **vestígios arqueológicos** de todas as épocas; **históricos baluartes** que perduram hoje como monumentais memórias de aventuras e Descobertas além-mar; numerosos e variados **naufrágios** que marcam históricos confrontos e decisivos episódios militares; etnológicas memórias vivas de gestos e **tradições etnográficas** que teimosamente ainda exploram recursos, sabores e saberes da terra e do mar...

Hoje, a região abrangida pelo atual Concelho de Vila do Bispo ainda preserva determinadas áreas intocadas pela ação humana, que, por tão genuínas e raras, são por isso mesmo bastante procuradas por visitantes oriundos de todo Mundo, nelas reconhecendo a pureza da original autenticidade da Natureza.

Com cerca de 95% do seu território incluído em áreas protegidas, designadamente pelo **Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina**, o Concelho de Vila do Bispo, em particular a área de Sagres, preservam apontamentos naturais únicos à escala nacional e mesmo global.

Por exemplo, relativamente à sua **biodiversidade**, Sagres constitui um dos mais importantes pontos de passagem nas rotas migratórias de várias **espécies de aves** que anualmente, no final do verão, abandonam a Europa a caminho das terras quentes de África. As aves seguem a orientação natural da costa atlântica da Península Ibérica até Sagres, local onde se reúnem por algumas semanas e de onde seguem até à região de Gibraltar, o ponto mais próximo de África e mais propício para a grande travessia do Estreito.

Durante este período migratório, conhecido pela **grande migração outonal**, Sagres reúne uma incontável quantidade e variedade de espécies de aves, provenientes de diversificados e distintos habitats, propiciando um incrível fenómeno, único em Portugal, que permite a fácil observação de espécies como rapinas e planadoras de grande porte, entre as quais algumas ilustres raridades a sul.

Exuberantemente destacam-se nos céus Cegonhas-pretas, Abutres-do-Egito, imensos bandos de Grifos e diversas espécies de rapinas; e outras, mais pequenas e discretas, mas de grande interesse e beleza - os passeriformes. Também em áreas estuarinas, como os pauis da Boca do Rio e do Martinhal, nas arribas e no mar são observáveis bastantes espécies de aves pelágicas.

Neste enquadramento tão especial, Sagres tem vindo a ser progressivamente procurada, sobretudo nas duas últimas décadas, por amantes e investigadores da ornitologia provenientes de todo o Mundo. Consciente desta realidade, desde 2010 que a Câmara Municipal de Vila do Bispo organiza, nos primeiros dias de outubro, o seu **Festival de Observação de Aves & Atividades de Natureza**.

Além das aves, a região de Vila do Bispo conserva um importante conjunto de raros e muito sensíveis ecossistemas - os **Charcos Temporários Mediterrânicos**. Nestes efémeros meios aquáticos (sobre)vive uma espécie endémica, única no Mundo, denominada cientificamente de ***Triops vicentinus***, ou Camarão-girino.

Estes organismos são verdadeiros sobreviventes, ‘fósseis vivos’ que existem há mais de **200 milhões de anos**, ou seja, contemporâneos dos dinossauros! São crustáceos de água-doce e o seu ciclo de vida é pautado pela sazonalidade do charco onde vivem. Os seus ‘ovos’ (cistos) resistem na fase seca para eclodirem com as primeiras chuvas dos anos seguintes. Incrivelmente, os cistos dos *Triops vicentinus* conseguem sobreviver durante anos ou mesmo décadas, aguardando pacientemente pela chegada de chuvas em níveis adequados à sua eclosão!

Nestas paragens também existem algumas especiais raridades entre as espécies de **Flora**. A baixa pressão demográfica, a diversidade de habitats preservados e favoráveis condições climáticas, de influência mediterrânica e atlântica, constituem, no conjunto, fatores que propiciam a ocorrência de um elevado e diversificado número de espécies de Flora.

Estimam-se cerca de 1000 espécies e subespécies de plantas no Concelho de Vila do Bispo. Destas, 40 são endémicas de Portugal Continental, 12 são exclusivas do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e 4 encontram-se confinadas à área de Sagres/Cabo de São Vicente, destacando-se, a título de exemplo, o nosso **Tojo-de-Sagres**.

De facto, os nossos palcos naturais são genuínos e os seus personagens são ímpares. Quanto à nossa História, é longa e merece, portanto, ser inaugurada pelo Princípio...

Antes da nossa Era, antes do Homem, há cerca de **320 milhões de anos**, no **Paleozoico**, a futura Península Ibérica encontrava-se precisamente no centro do Mundo de então, no ‘coração’ do supercontinente **Pangeia**. Mais tarde, com a separação e derivação das placas continentais, o grande Cabo, onde muito mais tarde se fundou Sagres, foi assumindo um posicionamento ainda mais central, desta feita do ponto de vista cultural, impondo-se como uma das mais frequentadas esquinhas náuticas do globo terrestre.

Estas extremas características geográficas foram determinantes para uma série de muito específicas ocorrências naturais, bem como para a própria matriz e contributo histórico-cultural das gentes que, pelo menos há **33 mil anos**, se fixaram neste território.

Recuando ao dealbar dos tempos, à base de tudo, o suporte geológico do Concelho de Vila do Bispo reserva alguns apontamentos que documentam importantes episódios da História da própria Terra.

Na costa ocidental de Sagres, a **Ponta do Telheiro** assume-se como um dos sítios geológicos que melhor documentam o Período Paleozóico em Portugal, surgindo referida em qualquer compêndio de **Geologia** como um dos mais exemplares modelos, à escala global, de um fenómeno designado como “discordância angular”. Aquele cénico promontório apresenta estratos horizontais de arenito vermelho que, discordantemente, assentam diretamente sobre dobras verticais de xistos e grauvaques negros. Entre esta discordante estratigrafia falta uma ‘fatia’, um hiato de tempo geológico de cerca de 90 milhões de anos, ou seja, uma incrível descontinuidade de 4 km de crosta continental, presumivelmente desaparecida pela ação da erosão causada por agentes externos.

A **Ponta Ruiva**, também na costa poente de Sagres, surge como um icónico rochedo de tons rubros formado pela deposição de arenitos vermelhos que, mergulhando no mar, recuperam a sua continuidade no Canadá, no Continente Americano, no outro lado do Atlântico!

Também a **Paleontologia** local reserva algumas fascinantes singularidades, designadamente na praia da **Salema**, em Budens, onde são facilmente observáveis abundantes **pistas de artrópodes** há muito extintos e trilhos de **pegadas de dinossauros** herbívoros iguanodontídeos e de carnívoros terópodes.

Já na praia da **Mareta**, em Sagres, além de diversas e bem conservadas pistas de desaparecidos organismos marinhos denominados de **zoófitos**, existe uma rocha conhecida pela comunidade local como “Pedra do Sal”, que, na verdade, é nada mais nada menos que um **recife de coral fóssil**.

Ainda em Sagres, a toponímia sugere outras curiosas interpretações populares para fenómenos geopaleontológicos, nomeadamente a “**Pedra da Bala**” e a “**Pedra Negra**”, duas formações rochosas que mereceram distinção pela população sagrense. A origem toponímica da Pedra da Bala explica-se pelo facto de, entre a praia do Martinhal e a praia da Baleeira, existir uma rocha cravejada de fósseis em forma de “bala”. Na verdade, são belemnites (*Belemnidea*), extintos animais aquáticos carnívoros, semelhantes às lulas atuais. Quanto à Pedra Negra, trata-se de um afloramento vulcânico bem visível no extremo nascente da praia da Baleeira. Com o desenvolvimento de Sagres, as origens toponímicas destes sítios geológicos ‘migraram’ para a área urbana na forma de “Rua da Pedra da Bala” e “Rua da Pedra Negra”.

A Ponta Ruiva deve o seu nome à coloração do próprio rochedo. Formada de arenito vermelho, uma rocha sedimentar que resulta da compactação e paulatina ‘petrificação’ de areias, foi ‘colorida’ por grandes concentrações de óxido de ferro. Também denominada de “grés”, na região do Algarve esta rocha é conhecida como “**grés de Silves**”, pelo facto de aparelhar as muralhas do notável Castelo de Silves. Localmente, no Concelho de Vila do Bispo, o grés é popularmente conhecido como “**pedra farinheira**”, tendo sido amplamente utilizado nas arquiteturas tradicionais, servindo, ainda, para amolar lâminas de metal e para, nos tempos pré-históricos, polir machados de pedra e monumentalizar as paisagens megalíticas com alguns menires. São múltiplas as inspirações geológicas que revestem as tradições locais. Em Vila do Bispo, a “**Capital do Percebe**”, até o sabor destes tão apreciados crustáceos marinhos é determinado e varia conforme a geologia! Os entendedores da matéria, mariscadores percebeiros de experiência feita, reconhecem a origem do percebe pelo seu sabor - «*hummm... estes são do Farol ou da Estação, estes são do Telheiro, estes são dos Caneiros*». Na verdade, tendo em conta que o calcário é uma rocha básica, alcalina, e o xisto é uma rocha ácida, as características químicas das “pedras”, onde esta espécie de marisco se agarra e se desenvolve, vão influenciar o seu sabor, ora mais adocicado, ora mais amargo.

Os ‘ferruginosos’ arenitos da Ponta do Telheiro marcam a fronteira geológica entre os brancos carsos **calcários**, que se desenvolvem a sul, e os negros **xistos** e **grauvaques** que formam as arribas costeiras a norte, até Sines. Genericamente, o calcário, o arenito e o xisto-grauvaque dominam as nossas paisagens geológicas, uma variedade rochosa que moldou diferenciadas ocorrências naturais, designadamente um diversificado estrato florístico.

Ao longo dos tempos, e numa área relativamente pequena, os recursos geológicos também determinam profundamente as paisagens humanas, as arquiteturas civilizacionais e autóctones manifestações culturais.

De facto, a Geologia ‘manda’, a Geologia impera na ordem natural e na própria genética das gentes, impondo-se decisivamente na mais tecnológica, na mais soberba obra humana.

Com base na datação radiométrica de meteoritos tornou-se possível saber que o nosso Planeta tem cerca de 4600 milhões de anos. Considerando o mais antigo registo fóssil conhecido, identificado em África, em Gawis, na Etiópia, a espécie humana só surge à face da Terra há cerca de 200 mil anos. Feitas as contas e à escala da História do Mundo... ontem!!!

A Humanidade nasce e ocupa parte da fase mais recente da **História da Terra**, o Quaternário, período geológico integrado na Era Cenozóica. O período Quaternário também surge denominado como “**Antropozóico**”, por se encontrar profundamente marcado pelo aparecimento e gradual influência do Homem na própria evolução do globo terrestre.

Tão grande e determinante tem sido o impacto da espécie humana a nível global que a ciência encetou recentemente o debate sobre a necessidade de introduzir uma nova Era Geológica, sequente à Cenozóica - o **Antropoceno**. Mais que uma nova palavra, ‘inventada’ no ano de 2000 pelo Prémio Nobel da Química (1995),

o holandês Paul Crutzen, “Antropoceno” encerra uma reflexão: ainda que insignificante, ocupando apenas um grão de areia na ampulheta que tem contado o tempo de vida do nosso Planeta, o Homem conseguiu, em cerca de 200 mil anos, alterar profundamente a ordem natural, transformando 83% da superfície terrestre, produzindo uma marcante “pegada antrópica” que tem vindo a desencadear irreparáveis remodelações paisagísticas e preocupantes alterações ambientais.

Hoje somos quase 7 mil milhões de pessoas num Planeta que há muito já ultrapassou os razoáveis limites da sua capacidade de ocupação.

O Homem é um ser naturalmente dominante, um predador inato, sem concorrência, orgulhosamente só no pódio da cadeia alimentar das espécies que povoam a Terra. Insaciável no consumo de alimentos, de água potável e de combustíveis fósseis. Inveterado poluidor e produtor de incomensuráveis massas de lixo. Monopolizador de recursos e de espaços naturais, subjugando outros seres vivos, mobilizando e introduzindo, contranatura, espécies exóticas em contextos errados, adulterando habitats, ecossistemas e biomas.

Desde o século XVI, ano de 1500, já foram registadas 897 extinções de espécies, das quais 763 são animais. Estima-se que até 2030 cerca de 75% das sobreviventes espécies animais e vegetais poderão estar ameaçadas de extinção.

Encontramo-nos a caminho de uma “6.ª grande extinção” no Planeta. Ao contrário das anteriores extinções em massa, como a dos dinossauros, todas causadas por causas puramente naturais, o Homem assume-se, agora, como o principal responsável por esta nova grande extinção em curso. Mas, em boa verdade, o Homem também é uma “causa natural”! Ainda que revestindo-se de uma natureza muito própria, é obra e faz parte integrante da Natureza!

Neste alarmante cenário ambiental, em 2050 atingiremos provavelmente a marca de 10 mil milhões de seres humanos à face do globo terrestre!

Mas como chegámos aqui?

Para a compreensão da própria espécie humana, dos seus comportamentos naturais e manifestações culturais, do seu Passado, Presente e presumível Futuro, da sua História e do seu papel numa peça criada pela própria Natureza, em que o palco da ação é um planeta chamado “Terra”, a **Arqueologia**, enquanto ciência humana e social, poderá produzir algumas respostas e, sobretudo, lançar inúmeras interrogações e propor diversas reflexões...

Focando-nos com um ‘zoom’ interpretativo sobre o nosso território, do ponto de vista cultural as paisagens de Vila do Bispo guardam um significativo legado humano, revelando interessantes e diversificados discursos antropogénicos, produzidos pelo Homem, designadamente arqueológicos, históricos e etnográficos, muitos dos quais revestidos de grande importância e alguma monumentalidade.

É neste recanto do Mundo que se registam os mais remotos indícios de presença humana conhecidos em todo o sul peninsular. No abrigo paleolítico de Vale de Boi, em Budens, a investigação arqueológica recuperou artefactos e produziu datações que remontam há cerca de **33 mil anos**.

Com elevada expressão e apreciável monumentalidade, estas paisagens ainda preservam a **maior concentração de menires da Península Ibérica**, muito provavelmente os mais antigos do ocidente europeu. Possivelmente encontramo-nos perante um pioneiro fenómeno megalítico que, de sul para norte, atinge mais tarde o seu apogeu nos alinhamentos meníricos de Carnac, na Bretanha Francesa, e no monumento megalítico de Stonehenge, em Inglaterra.

A eminente e longínqua vocação mágico-religiosa desta finisterra, exceccionalmente monumentalizada há mais de **6000 anos** pela sacralização megalítica das paisagens, foi mais tarde perpetuada por exploradores mediterrânicos, de origem greco-romana. De facto, a mais antiga descrição escrita e associado batismo

toponímico da região deve-se a geógrafos gregos que visitaram o fim-do-Mundo mediterrânico a partir do século VI a.C. Desde então que este grande Cabo é conhecido por *Hieron akroterion*, denominação traduzida para o Latim, no século I a.C., como *Promontorium sacrum*, e para o Português como “Promontório Sagrado”, ou seja... Sagres!

Já na Idade Média, entre o século VIII e o século XII, num fenómeno de continuidade cultural e de devoção ao lugar, o *Promontorium sacrum* acolheu as relíquias do mártir Vicente, um dos primeiros e mais importantes santos da Igreja Católica Apostólica Romana. Segundo as fontes históricas, árabes e cristãs, e a tradição religiosa hagiográfica, algures na zona de Sagres terá existido um templo dedicado ao culto de São Vicente, a *Kanisat al-Gurab* ou **Ermida do Corvo**, há época um dos santuários mais concorridos nas rotas de peregrinação moçárabe da Península Ibérica. Entretanto desaparecida, presume-se que a mítica Ermida do Corvo terá sido edificada precisamente na ponta mais sudoeste da Europa Continental, denominada desde então de “Cabo de São Vicente”.

Em 1173, as exéquias do mártir Vicente foram trasladadas para Lisboa por ordem do primeiro Rei de Portugal, **Dom Afonso Henriques**, cidade onde supostamente ainda se encontram à guarda do Mosteiro de São Vicente de Fora.

Já no século XV, no contexto da nação com as mais antigas fronteiras da Europa, os portugueses lançam-se na aventura ultramarina dos Descobrimentos além-mar. Um dos personagens que decididamente contribuiu para o fenómeno multicultural da primeira globalização foi, sem dúvida, o **Infante Dom Henrique**, conhecido pelos cognomes “o Navegador” ou “o Infante de Sagres”.

Visionário, reconhecendo a importância geoestratégica desta importante esquina do Mundo, este homem fundou, precisamente em Sagres, uma Praça de Armas de apoio à navegação e à primeira fase da expansão portuguesa pela costa africana.

Em suma, não será de todo exagero afirmar que o nosso território apresenta-se hoje como um autêntico ‘museu (ao) vivo e a cores’, um incrível **repositório de História Natural e Humana** que exhibe uma variada riqueza de apontamentos, produzidos e perfeitamente organizados numa diferenciada arquitetura paisagística, numa admirável ‘simbiose’ entre a Natureza e o Homem, no conjunto, um extraordinário legado dos tempos, preservado num espaço único que importa conhecer, investigar, compreender, preservar, valorizar e partilhar - é essa a nossa obrigação enquanto herdeiros desta extraordinária memória coletiva!

texto e fotografia de **Ricardo Soares**
arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Bispo